



Wilson Pedrosa/AE

Collor e Passarinho com os líderes: união informal de partidos para garantir apoio na Câmara até a posse dos deputados eleitos

Governo espera por eleições para definir bloco de apoio

Presidente conversa com líderes e suspende projeto de formar bloco de apoio ao governo na Câmara

MARTA SALOMON

BRASÍLIA — A disputa pelo governo de São Paulo é a principal preocupação do presidente Fernando Collor, manifestada durante os encontros que manteve ontem com os principais líderes de partidos aliados na Câmara. "A vitória de Maluf facilitaria o quadro político nacional", avaliou Collor, segundo relato do líder do PRN, deputado Arnaldo Faria de Sá. Sem a definição do quadro paulista, foi congelada a proposta de formação de um bloco parlamentar governista.

O presidente discutiu o as-

sunto separadamente com Faria de Sá, Ricardo Fiúza (PFL), Amaral Neto (PDS) e Humberto Souto (líder do Governo em exercício), pela manhã. Às 14h, almoçou com os líderes, com o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, e o consultor jurídico do Ministério, Inocêncio Mártires Coelho, no Planalto.

Antes da eleição, o Planalto não pode medir sua base de apoio. "O governo só vai sentir sua real força no domingo", disse o líder do PDS, deputado Amaral Neto (RJ). "Se o (Luiz Antônio) Fleury ganhar, muita gente vai correr para o PMDB", disse Amaral Neto. Os líderes acertaram com o presidente Collor que não partiriam para o confronto com o PMDB, que ainda detém a maior bancada na Câmara. A idéia de oficializar um bloco parlamentar de sustentação

do governo na Câmara foi colocada em "banho-maria" nas conversas isoladas e no almoço, fechado com papos-de-anjo, servidos na sobremesa.

"A idéia de formar o bloco agora me parece um gesto açodado", explicou Ricardo Fiúza. Segundo o deputado, a maior preocupação agora é não "hostilizar parcela ponderável do PMDB que vota com o governo". As conversas de ontem serviram, pelo menos, para assegurar ao presidente o empenho dos principais líderes aliados na tarefa de recompor a base de sustentação política do Governo. "Temos tempo até o próximo ano para o trabalho de engenharia política e daremos maioria de votos ao presidente", assegurou Ricardo Fiúza.

A reaproximação do presidente Collor com suas bases rebeladas no Congresso teve

como contrapartida o compromisso de que os parlamentares terão melhor tratamento daqui por diante. "O meu objetivo é ter uma sólida base de apoio parlamentar mas não posso fazer tudo ao mesmo tempo" disse o presidente, segundo relato de Ricardo Fiúza.

"Tinha que fazer bater forte o sino para ele ouvir", disse o líder do PDS, Amaral Neto, principal porta-voz das críticas ao tratamento que o governo dispensa aos políticos. "Acho que ele (Collor) vai ter sérias conversas com os ministros sobre a politização do Governo", contou Amaral. "Não tratei ainda de indicações para cargos, mas o assunto será tratado obrigatoriamente porque meus líderes querem ter poder", avisou.

Hoje Collor recebe os líderes Gastone Righi (PTB) e Siqueira Campos (PDC).